Capítulo XXIV — Imitadores do bom Ladrão no Ocidente

> **Sumário.** Os ladrões dos Alpes. — Prisão de são Martinho. — Sangue-frio do Taumaturgo. — Seu discurso a um dos ladrões. — Conversão súbita e duradoura. — Margarida de Cortona. Sua origem. — Causas de sua conversão súbita. — Heroísmo de suas virtudes. — Os dois supliciados da cidade de Sena. Suas blasfêmias. — Orações de santa Catarina. — Conversão instantânea. Morte edificante. O bandoleiro de Nápoles. Suas crueldades. Sua prisão. Seu desespero. — Convertido pelo exemplo do bom Ladrão. Delicadeza de consciência. — Ataques do demônio. — Vitória completa. — Um velho pecador entregue ao demônio. Maculado de toda sorte de crimes. Convertido por santa Brígida. Seu semelhante em André Naddini, rico burguês de Sena. — Jogador e blasfemador. — Convertido por santa Catarina de Sena. — Mandrin. — Sua vida. — Sua conversão. Sua morte.

Entre os insignes favores de Deus, é preciso contar o de encontrar um santo no caminho da vida. De tal encontro dependeu a salvação, isto é, a verdadeira felicidade de uma multidão de almas e até dos maiores pecadores. A humilde aldeia de Ars pode ainda hoje dar disso testemunho. No fato que acabamos de referir, como nos que se seguirão, brilha com não menor esplendor essa consoladora verdade.

O grande Taumaturgo das Gálias, são Martinho, ia de Poitiers à Panônia para ver os seus pais. Ao atravessar as gargantas dos Alpes, caiu no meio de um bando de bandoleiros. Tendo escapado milagrosamente ao machado de um desses malfeitores, foi entregue a outro para ser despojado. Este arrasta o santo para o fundo de seu covil e lhe diz: *«Quem és, e não temes morrer no meio dos ladrões?»* Martinho respondeu:

> *Sou cristão e não somente não tenho medo da morte, mas nunca estive mais tranquilo do que neste momento, porque, estou certo, Deus vem sempre em auxílio de seus servos em suas necessidades. É antes por ti que temo a morte eterna, quinhão inevitável de um ladrão como tu, a menos que te converta e que, a exemplo do ladrão do Evangelho, faças esquecer a tua vida de iniquidades por uma penitência sincera, embora tardia.*

Para animá-lo, o santo lhe prometeu, se quisesse aproveitar os seus conselhos, obter-lhe essa graça da misericórdia de Deus. A palavra do grande bispo foi como uma espada que traspassou o coração do ladrão. Tomando o santo pela mão, reconduziu-o são e salvo ao seu caminho e só o soltou depois de lhe ter, à força de instâncias, extorquido a certeza do benefício anunciado. O homem de Deus cumpriu a palavra. Graças às suas orações, esse ladrão não só deixou o seu horrível gênero de vida, mas abraçou com ardor a carreira da penitência, em que perseverou até a morte.[1]

Atravessemos os Alpes com são Martinho e, enquanto ele segue o caminho da Lombardia, tomemos o da Toscana. Eis-nos na pequena aldeia de Laviano. Vedes essa jovem, leviana, vaidosa e dotada da mais rara beleza? Descontente com a madrasta, anda mais pelas ruas da aldeia do que no interior da casa paterna. Um senhor de Montepulciano, rico proprietário da vizinhança, repara na jovem imprudente. A vaidade, de um lado, a paixão, de outro, entenderam-se. A jovem Margarida não pertence mais a si mesma.

Habita a cidade de Montepulciano, na suntuosa morada de seu raptor. Antes de formados, os seus caprichos são satisfeitos. Os mais ricos tecidos compõem as suas vestes; pedras preciosas brilham em seus cabelos; eclipsa pelo luxo as maiores damas da cidade. Onde há festas, tem-se certeza de encontrá-la. Escândalo público, escândalo vivo, passa nove anos na desordem. Que teria sido dela se a misericórdia não a houvesse de repente detido no caminho do inferno!

Um dia, em que não pensava em nada menos do que em converter-se, o homem parte para o campo. Chegada a noite, não volta: Margarida inquieta-se. No dia seguinte põe a cabeça à janela, para ver se não descobriria aquele que espera. Em vez do senhor, avista o cão que chega a pequenos passos, de cabeça baixa, e que se senta à porta da habitação, soltando gritos plangentes. Margarida desce. O fiel animal a puxa pelo vestido e lhe faz sinal para segui-lo. Conduz-a assim a algumas milhas da cidade; depois, detendo-se num pequeno bosque, põe-se a escavar a terra. Logo aparece a descoberto o cadáver ensanguentado do infeliz senhor, vítima de um assassínio.

A esse espetáculo, Margarida cai desmaiada. Voltando a si, desfaz-se em lágrimas; e, sob a impressão da graça, forma no mesmo instante a inabalável resolução de mudar de vida. De volta a Montepulciano, deixa as ricas vestes, põe tudo em ordem na casa, cobre-se com um mau vestido negro e diz adeus a uma cidade que por tanto tempo escandalizara. Seu primeiro ato de arrependimento é ir, humilde e banhada em lágrimas, lançar-se aos pés de seu pai e pedir-lhe perdão.

Esse primeiro passo não lhe basta; para reparar os seus maus exemplos, faz outro mais custoso. Um dia de domingo, enquanto todos os habitantes de Laviano estão na igreja, entra no lugar santo e sobe até o santuário descalça, com uma corda ao pescoço, a cabeça rapada e descoberta. Humildemente prostrada, não profere uma palavra, mas inunda de lágrimas o pavimento do templo.

Terminado o ofício, aproxima-se de uma piedosa dama que conhecera outrora. Ajoelhada diante dela, em presença de todo o povo que não a reconhecia, Margarida pronuncia estas palavras entrecortadas de soluços:

> *Senhora, eis a vossos pés essa infame pecadora, que desonrou a família e a pátria. Confesso que desprezei indignamente os vossos conselhos. Suplico-vos que esqueçais os meus desvios, de que estou profundamente arrependida. Perdoai as culpáveis loucuras de minha juventude, como conjuro todos os que aqui estão presentes a perdoar-me os escândalos que lhes dei e lhes rogo que me obtenham de Deus, por suas preces, uma dor sempre maior, a fim de que eu faça séria penitência de meus inumeráveis pecados.*

Cala-se e permanece de joelhos. A comoção ganha todos os espectadores. Tal é o poder da humildade para reabilitar uma alma que a piedade e uma espécie de veneração cederam lugar nos corações a todo outro sentimento. Apesar das instâncias da dama, Margarida fica ajoelhada, silenciosa, imóvel, e prolonga o mais possível o ato heroico que realiza.

Por fim, levanta-se, deixa a sua aldeia para não tornar a vê-la e retira-se para a cidade de Cortona. Ali, solitária, numa pobre cabana, vive, durante longos anos, de lágrimas, de austeridades, de esmolas e, enfim, das abundantes consolações com que o bom Pastor gosta de cumular as ovelhas voltadas ao aprisco. Nunca foi mais verdadeiro dizer que o arrependimento é irmão da inocência. Margarida não só se tornou uma grande santa, uma santa de milagres; mas o seu corpo, conservado intacto havia mais de trezentos anos, continua, como o da virginal Teresa, a exalar um odor celeste.[2]

Desçamos agora a Sena, pouco distante de Laviano. Nessa cidade esperam-nos dois novos imitadores de são Dimas. Eram dois velhos celerados, condenados a suplícios excepcionais por causa da enormidade de seus crimes. Já os levavam à morte e, atados sobre uma carreta, os carrascos lhes dilaceravam as costelas com pentes aquecidos ao fogo. Ninguém pudera, por meio algum, determiná-los a confessar-se. Ao contrário, semelhantes aos ladrões do Calvário, não cessavam de blasfemar de Deus e de tudo o que há de mais santo.

A pérola de seu século, a jovem santa Catarina de Sena, estava então em casa de uma de suas amigas, cuja habitação se achava na passagem desses infelizes. Quando se aproximavam, a amiga de Catarina conjura-a a pedir a Nosso Senhor a salvação desses desesperados.

A santa põe-se logo em oração e pede ao bom Mestre poder acompanhá-los em espírito até o lugar da execução. Seus votos são atendidos. O triste cortejo chega à porta da cidade, e eis que o misericordiosíssimo Salvador, todo dilacerado de chagas e coberto de sangue, aparece a esses dois obstinados, convidando-os ao arrependimento e prometendo-lhes o perdão. Como Dimas, mudados no mesmo instante, apressam-se a pedir um sacerdote e confessam as suas faltas com extraordinária dor.

Desde esse momento, as suas blasfêmias, como as do bom Ladrão, mudam-se em bênçãos ao Deus das misericórdias e, como Dimas, não receiam acrescentar que merecem todos os tormentos que suportam e até mais cruéis. Todo o povo fica estupefato com mudança tão súbita. Os próprios carrascos abrandam-se e não ousam fazer novas feridas naqueles que veem tão profundamente arrependidos. Enfim, vão à morte como a um festim; cheios de confiança de que suplícios

passageiros os porão logo na posse de uma felicidade sem mistura e sem fim.[3]

É inútil fazer notar os traços de semelhança que existem entre a conversão desses dois ladrões e a do bom Ladrão. Concluamos somente que a misericórdia de nosso Deus permanece eternamente a mesma. Já que estamos na Itália, vamos até Nápoles; nossa conclusão ali se confirmará por um fato não menos memorável.

No ano de 1558, trouxeram para as prisões dessa cidade um célebre bandoleiro. Havia vinte e oito anos, esse homem era o terror do país. Chafurdado em toda sorte de crimes, estava à frente de um bando que ele mesmo punha de emboscada nas estradas. Chegado o momento, conduzia-o em pessoa ao ataque dos viajantes, de quem se fazia uma alegria não só de tomar a bolsa, mas de tirar a vida, com requintes de crueldade.

Sua prisão mal se tornou conhecida, os santos de Nápoles puseram-se a arrancar a Satanás tal presa. A empresa era tanto menos fácil quanto o infeliz caíra no abismo do desespero. Para tirá-lo dele, só se conheceu um meio: pôr-lhe diante dos olhos o exemplo do bom Ladrão. Ao pensamento de seu semelhante, perdoado no momento mesmo de morrer, sente a esperança renascer em seu coração.

Um dos excelentes religiosos de são Camilo de Lélis, o padre Jerônimo Ucello, insiste nesse consolador exemplo, visita assiduamente o criminoso e torna-se o ditoso instrumento de sua conversão.

> *Padre — diz-lhe um dia o feroz bandoleiro —, quero confessar-me; faz trinta e oito anos que não o faço.*

«Sou todo vosso — responde o santo religioso.» A pedido do penitente, empresta pacientemente o ouvido, durante quatro dias, à acusação de perversidades de que o homem só parece não ser capaz. Por intervalos, o novo Dimas pedia para suspender o curso de suas confissões, tanto para descansar quanto para procurar na memória o que lhe tivesse escapado.

Feita a sua confissão com o maior cuidado e com igual piedade, vê-se cheio de esperança. A exemplo do bom Ladrão, emprega em atos religiosos o pouco tempo que lhe resta de vida. Para acabar de purificá-lo, o demônio, de quem fora por tanto tempo o escravo submisso, apareceu-lhe sob forma visível, dilacerou-o a golpes, como outrora a santo Antão, e atormentou-o com um tremor universal. Enfim, o bom Pastor teve piedade de sua ovelha. A calma lhe foi devolvida; a morte sobreveio e o Mandrin do Lácio tornou-se o ditoso ladrão do Paraíso, *paradisum feliciter prædatus*.[4]

É no Oriente que começou a nossa viagem em busca dos milagres da misericórdia, é ali que queremos terminá-la. Mas, antes de deixar o Ocidente, citemos ainda alguns exemplos da rapidez com que a ternura de nosso Pai celeste age sobre os maiores pecadores, qualquer que seja a natureza de suas iniquidades.

A ilustre princesa da Suécia, santa Brígida, refere o seguinte fato. Havia um homem do mundo, grande por seu nascimento entre os maiores da terra, mas maior ainda por suas riquezas e seus vícios. Aos sessenta anos, nunca se confessara, nunca comungara. Atacado de doença mortal, ia em breve ser sepultado no inferno. Mandei adverti-lo por meu confessor do perigo próximo que o ameaçava. Fingiu primeiro não poder falar; depois, disse que não precisava confessar-se, porque o fizera muitas vezes. Com essa resposta mentirosa, o infeliz iludiu, uma segunda e uma terceira vez, a piedosa solicitude do sacerdote.

Então, profundamente tocada pelo estado desse homem, mandei dizer-lhe abertamente da parte de Nosso Senhor:

> *Estais possuído de sete demônios, e é por isso que vivestes no hábito dos sete pecados capitais. Nesta mesma hora, Satanás está sentado em vosso coração no lugar de Deus e logo fará de vós a sua vítima por toda a eternidade. Não há tempo a perder, arrependei-vos o quanto antes e Deus vos perdoará.*

A advertência quebra esse coração de granito e dele faz sair uma fonte de lágrimas.

> *Que esperança — pergunta ao sacerdote — pode restar a um miserável como eu? — Ainda que os vossos pecados — responde-lhe o sacerdote — fossem infinitamente mais numerosos e mais enormes, prometo-vos, sob juramento e em nome de Deus, a remissão certa, contanto que, de vossa parte, não tardeis em fazer o que deveis fazer.*

Animado por essa promessa, o doente, chorando e soluçando, responde nestes termos:

> *Desesperei de minha salvação porque me entreguei ao demônio, homagium feci Diabolo, que me falou um grande número de vezes. Por isso, chegado à idade de sessenta anos, nunca me confessei, nunca comunguei; mas quando os outros comungavam, eu alegava negócios para ausentar-me. Agora, meu Padre, confesso-vos, não me lembro de ter derramado jamais lágrimas como as que derramo neste momento.*

Tendo assim falado, confessou-se quatro vezes no mesmo dia. Purificado por essa confissão repetida, recebeu o corpo do Senhor; e, seis dias depois, expirou docemente, cheio de inabalável confiança na misericórdia de Deus.[5]

Em nosso século de invasão satânica, quantas vezes o sacerdote, por pouco que cumpra longa carreira, não se achará exposto a encontrar casos análogos? Queremos falar dos pecadores

moribundos e endurecidos por se terem dado a práticas demoníacas, ou por terem indiretamente entregado o império de sua alma ao demônio, abandonando-se sem freio a todas as concupiscências. Chegam à sua última hora sem esperança, duros como mármore, frios como gelo, e às vezes com a blasfêmia nos lábios. Que o exemplo precedente e o que vai seguir-se sejam para eles, como para o sacerdote, um motivo de nunca desesperar.

No ano de Nosso Senhor de 1370, vivia em Sena um burguês chamado André Naddini. Rico de bens temporais, pobre de virtudes, coberto de quase todos os crimes, passava a vida a jogar e a blasfemar de Deus e dos santos, que detestava. Aos quarenta anos foi atacado de doença mortal que logo o reduziu à extremidade. Bom número de religiosos e de religiosas vieram visitá-lo. Seu pároco sobretudo fez os últimos esforços para determiná-lo a receber os sacramentos. Mas o infeliz que, havia muitos anos, não pusera os pés numa igreja e estava habituado a desprezar os religiosos e os sacerdotes, repeliu todas as investidas como um verdadeiro desesperado.

Frei Tomás, dominicano, confessor de santa Catarina, informado do que se passa, vai ter com a admirável virgem e recomenda-lhe orar com o maior fervor e a maior instância por essa alma prestes a perecer. A santa obedece no mesmo instante. Mas Nosso Senhor lhe diz:

> *Os crimes desse blasfemador subiram até o céu. Sem falar dos outros, levou a impiedade a ponto de lançar ao fogo um quadro em que eu estava representado, assim como minha Mãe e alguns santos. As chamas do inferno são o justo castigo de tal sacrilégio.*

Aflita, mas não desanimada, Catarina, que devora a sede da salvação das almas, continua a deplorar a sorte desse pecador. Redobra as orações e inunda de lágrimas os pés de seu crucifixo. Aquele que veio do céu à terra para salvar tudo o que perecera, Jesus, deixa-se dobrar. Aparece a André deitado em seu leito de morte, exorta-o a confessar os seus pecados e lhe promete, se quiser fazê-lo, perdoar-lhe tudo. A essas palavras, o moribundo recobra todas as forças e, com voz sonora, exclama:

> *Vejo Nosso Senhor Jesus Cristo. Quer que eu me confesse; que vão logo buscar-me um sacerdote.*

A alegria das testemunhas chega ao auge, correm a buscar um sacerdote. André confessa-se desfeito em lágrimas, dita o seu testamento e logo depois transpõe felizmente a temível passagem do tempo à eternidade.[6]

Mais uma vez, esse exemplo mostra quão grande é a graça com que Deus nos favorece quando nos faz encontrar um santo no caminho da vida. Rezemos, pois, ao Pai das misericórdias que envie sempre, junto aos pecadores moribundos, algum de seus amigos privilegiados que orem especialmente por eles.

Antes de deixar o Ocidente, temos um último traço a citar. Parece que nos guardariam rancor se o passássemos em silêncio. Prova, além disso, com o mais consolador brilho, a inesgotável bondade de Deus para com os maiores pecadores e a rapidez com que a sua graça age sobre os corações mais rebeldes.

Todos conhecem Mandrin, um dos mais célebres bandoleiros dos tempos modernos; mas poucos, cremos, conhecem a sua morte. Nascido em 1714 em Saint-Étienne-de-Saint-Geoire, aldeia do Delfinado, de um pai desertor que lhe ensinou o roubo desde os primeiros anos, Luís Mandrin logo superou o mestre.

Aos vinte anos estava à frente de uma tropa de bandidos. Primeiro moedeiro falso, depois contrabandista em grande escala, depois ladrão de estrada, depois incendiário, acabou por ser assassino. Com o seu bando, composto de quarenta a cinquenta homens a cavalo, vivia ora nas cavernas, ora nas montanhas, ora nas ruínas de velhos castelos. Durante quinze anos encheu a França inteira do rumor de suas façanhas, espalhou o terror, a morte e o saque por várias de nossas províncias, apoderando-se até das caixas do Estado, lutando com a força armada e escapando a todas as perseguições.

Tal vida devia ter um termo. Traído por um dos seus, Mandrin foi preso durante a noite, atado em todo o comprimento do corpo e conduzido, ou antes, trazido a Valença, aonde chegou a 10 de maio de 1755. A notícia de sua detenção atraiu grande concurso de povo. Acorria-se de todas as partes para ver esse criminoso, em quem se pretendia achar algo de grande, como se pudesse haver grandeza no crime. A verdade é que Mandrin era de alta estatura, de força física pouco comum e dotado de espírito vivo e fértil em expedientes. A isso juntava uma audácia que não conhecia obstáculo e não recuava diante de perigo algum. Seu processo foi rapidamente instruído.

Desde o começo, apresentaram-lhe um confessor, que recusou. O mal dominava ainda essa alma de ferro. Depois um jesuíta veio vê-lo e fê-lo encarar a sua sorte. A hora da misericórdia soara. O Deus das misericórdias, que convertera Dimas na cruz, ia converter Mandrin na roda. Esse homem tão feroz tornou-se dócil, sem deixar de ser altivo; mas o remorso entrara em seu coração, confessou os seus crimes e os chorou.

A 26 de maio subiu ao cadafalso, que olhou sem orgulho e sem fraqueza. Voltando-se para o povo, ergueu os olhos e as mãos ao céu e disse:

> *Eis, pois, o fim que me preparavas, desditosa paixão das riquezas! Vivi no crime, morro no opróbrio. Derramei sangue inocente, vou derramar o meu. Possa o meu nome ser esquecido com os meus crimes! Possa eu expiá-los por minha dor e por meu suplício!*

Depois dessas palavras, Mandrin enterneceu-se e fez chorar todo o mundo. Agradeceu ao confessor, abraçou o carrasco e estendeu-se no leito doloroso que o esperava.

> *Ah! — exclamou, derramando lágrimas amargas —, que instante, grande Deus, e como eu devia tê-lo previsto!*

Quebraram-lhe os braços, as pernas, as coxas e os rins. Morreu com os olhos erguidos ao céu.[7]

Notas

[1] Sulpício Severo, *Vita B. Mart.*, cap. V.

[2] *Vita*, etc., do P. Marchese, *passim*.

[3] *Vita S. Cath. Sen.*, em Surius, 29 de abril, p. 939, edição *in-fólio*, 1671.

[4] *Annal. Cleric. Regul. ministr. infirm.*, n.º 22, ano 1558.

[5] S. Brígida, *Revel.*, liv. VI, cap. XCVII; Blósio, *In monile*, cap. I.

[6] *Vita S. Cath. Sin.*, *ubi supra*.

[7] Régley, *Vie de Mandrin* («Vida de Mandrin»), p. 145, *in-12*. Chambéry, 1755.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:23 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:23 by Admin